

A IMAGINAÇÃO CRIADORA E O PROCESSO PROJETUAL EM SALA DE AULA

ARAÚJO, Mônica de Queiroz Fernandes.

Arquiteta, MsC, Professora, Faculdade SENAI/CETIQT (e-mail: mqueiroz@cetiqt.senai.br)

RESUMO

Este artigo é uma reflexão sobre a abordagem didático pedagógica do professor de projeto em sala de aula. A sua fundamentação teórica baseia-se na ação-reflexão do aluno e do professor visto em Schön e no interacionismo de Piaget, Wallon e Vygotsky que definem os diálogos em sala de aula. Desta forma o aprendizado é estruturado por ambos os atores do processo visando a construção de um profissional independente e reflexivo. Permeando esta postura pedagógica, a imaginação criadora encontrada tanto em Bachelard quanto em Heidegger é incentivada constantemente pelo professor, desempenhando um papel fundamental na concepção projetual e no seu desenvolvimento ao longo do projeto. Juntamente, como elemento construtor, a cor vai além da visão simplista decorativa e transforma-se em estrutura, assim transformando-se em apoio pedagógico à formação do aluno, acrescentando inovação no cumprimento do programa.

ABSTRACT

This article is a reflection about a didactical and pedagogical approach of a design professor in classroom. Its theoretical foundation is based on the action-reflection both of the student and his professor, as seen in Schön and in the interaction expressed by Piaget, Wallon and Vygotsky, which defines the dialogs in a classroom. Therefore, learning is structured by both actors of the process, aiming at constructing a professional which is both independent and reflective. Permeating this pedagogical approach, the creative imagination, found in Bachelard as well as in Heidegger, is constantly promoted by the teacher, with a fundamental role in the design conception and in the developing the the project. Along with the building element, the color goes beyond a simplifying decorative vision and is transformed into a structure, hence becoming a pedagogical support to the professional formation of the student, adding innovation while meeting the program.

A Imaginação Criadora e o processo projetual em sala de aula

Um novo posicionamento didático-pedagógico

Ao longo da prática no ensino de projeto, a percepção de que existe um diálogo não verbal nas aulas, delineou o pensamento principal deste artigo. A expressão do aluno, espalhada nas entrelinhas imaginárias e desenhadas, desencadeou uma série de questionamentos sobre a aplicação e potencialização desta expressão. Partindo deste mesmo processo reflexivo, vislumbramos a mente em uma dimensão construtiva, exercitada em seu processo imaginativo onde o corpo, a mente e o meio¹ interagem, permitindo a incorporação da imaginação² como elemento participante do mundo. Deste ponto em diante inicia-se uma série de reflexões a respeito de como esta abordagem poderia ser utilizada nas aulas de projeto.

Em uma leitura de base filosófica, a imaginação, vista em Heidegger e Bachelard, define o homem como um ser sonhador de seu mundo. Este processo onírico é inerente à condição imaginativa. E é neste momento devaneante, sem início e nem fim, que a criação surge. Ela cresce e constrói quando define mundos e edifica vontades. Este potencial construtor é utilizado como base para a reflexão sobre as diferentes formas de utilizá-lo e canalizá-lo durante o processo de aprendizagem, onde a prática e a teoria se entrelaçam. O posicionamento didático-pedagógico do professor quando se vê diante dos desafios no cumprimento dos programas das disciplinas de projeto, definidas nas faculdades de arquitetura, recai sobre dois caminhos: a experiência

¹ Tríade essencial à cognição enativa ou atuacionista onde o homem e o meio crescem e se influenciam em uma troca mútua (Varela, Maturana, Thompson e Rosch)

² A imaginação tratada neste artigo é a mesma vista em Bachelard e Heidegger.

profissional do professor, orientando o aprendizado do “faça como eu” ou o encaminhamento dos procedimentos didáticos, conforme uma metodologia referendada por grandes arquitetos. Em nenhum momento pretendemos, aqui, invalidar um caminho, mas sim propor uma abordagem nova que tem como uma de suas bases a cognição atuacionista vista em Maturana, Varela, Thompson e Rosch (2003). Esta nova visão também encontra em Schön reverbera nas idéias sobre a prática didática do professor de projeto.

A prática na aula de projeto apresenta estruturas indeterminadas e variáveis. Ao examinar esta questão podemos aprender com as zonas indeterminadas (condições de incerteza) da prática profissional. A abordagem em sala de aula no ensino de projeto passa pela reflexão e pela ação, que juntas, constroem a experiência do aluno que se prepara para ser um arquiteto. O ato de criar mistura as duas atitudes e, como resultado, a aula torna-se dinâmica, refletindo as características de cada aluno, do professor e do próprio meio sócio-cultural em que todos estão inseridos. Este contexto influencia diretamente na criação e na imaginação dos alunos, incentivados a conceber projetos dentro de programas determinados. A concepção baseada na imaginação criadora é um conhecimento-na-ação. “Conhecer sugere a qualidade dinâmica de conhecer-na-ação, a qual, quando descrevemos, convertemos em conhecimento-na-ação.”(SCHÖN, 2000:32). Ainda se referindo à criação dentro do processo projetual, vamos procurar em Damásio (2000) o “círculo das influências” que impulsiona a criatividade: consciência, criatividade e existência.

A consciência sobre a imaginação criadora contribui para o diálogo na aula de projeto, fazendo com que a realidade da aprendizagem ganhe contornos inovadores, que permitem a evolução do conhecimento tanto do aluno quanto do professor. Diante desta nova postura, as dúvidas surgem: Como lidar com esta realidade em sala de aula? Ou como provocar no aluno momentos de imaginação para a criação de projetos? As respostas para estas questões englobam áreas distintas que somadas dão forma às idéias e estimuladas pelo professor, acontecem ao longo de todo o processo do projeto: desde o seu primeiro pensamento, passando pelo esboço colorido e transitando pelas soluções construtivas. Incentivar a independência do aluno no pensar e no fazer é estruturar nele a opinião sobre o seu próprio projeto. “O que mais precisamos é ensinar os estudantes a tomarem decisões sob condições de incerteza, mas isso é justamente o que não sabemos.”(SCHÖN, 2000:20)

As incertezas aqui mencionadas devem ser trabalhadas nas aulas como inquietação para o impulso do fazer. Esta ação projetual se mistura com o pensar e, neste processo, tanto o professor quanto o aluno podem se sentir perdidos em relação à atitude na sala de aula de projeto. É ela ação ou reflexão? Como resultado o lugar da aula torna-se dinâmico, refletindo as características de cada aluno, do professor e do próprio meio sócio-cultural em que todos estão inseridos. O interacionismo tem se mostrado uma prática pedagógica apropriada quando o professor entende o aluno como um ser humano disposto a aprender e não, simplesmente, um memorizador de regras, tabelas e situações testadas e aprovadas em uma determinada época e lugar.

A prática interacionista entende o sujeito-aprendiz como capaz de se tornar autônomo, crítico e criativo. Nela o desenvolvimento do conhecimento se dá com as necessidades que vão surgindo durante a prática em sala de aula e em decorrência dos novos desafios. Esta é “uma interação que o sujeito vai desenvolvendo no processo de sua ação sobre o mundo” (SEVERINO *in* DELGADO, 2003:41) seguindo os estímulos do projeto, do ambiente e do professor. No interacionismo projetual do ateliê é indissociável a prática da teoria. Ao entendermos que para a prática cotidiana existe uma teoria que a confirma e também para uma teoria existe uma prática que a confirma, o professor pode colocar o aluno em situações onde ele é levado a pensar e refletir sobre o objeto que o desafia, no caso o programa do projeto. Schön fala que a reflexão sobre a ação no ensino de projeto torna o aluno independente em suas resoluções projetuais. “O ateliê de projetos, com seu padrão característico de aprendizagem através do fazer e da instrução, exemplifica as situações inerentes a qualquer aula prática reflexiva e as condições e os processos essenciais para o seu sucesso” (SCHÖN, 2000:26).

O ensino de projeto e a sua didática

As situações projetuais em que o aluno deve atender às necessidades do programa tendo como obrigatoriedade refletir-se na experiência do professor como arquiteto, no que diz respeito à solução para todos os problemas relacionados ao projeto, colocam em cheque-mate a relação do aluno com o professor. O posicionamento que o professor adquire tem sempre como objetivo proporcionar ao aluno condições que o tornem um arquiteto autônomo e criativo nas decisões a serem tomadas ao longo do processo projetual. Este contexto influencia diretamente a criação e a imaginação dos alunos incentivados a conceber projetos. O desafio didático-pedagógico é fazer com que as dúvidas e as incertezas transformem-se em refletir e fazer, respeitando a necessidade do cumprimento do programa da aula e o ensinar-aprender – em duas vias – entre o professor e o aluno. A prática da ação-reflexão entende o aluno como capaz de se tornar crítico e criativo. Nela o desenvolvimento do conhecimento se dá com as necessidades que vão surgindo durante a prática na sala de aula e em decorrência dos novos desafios.

O professor pode estimular o aluno em situações adversas, incentivando o uso da imaginação e desenvolvendo exercícios onde ela sejam incorporada ao diálogo verbal e não verbal. Para isso a substância colorante pode ser utilizada como verbo, ação do desejo de expressão. Olhando deste ponto de vista, a cor é incorporada e utilizada como apoio didático por duas razões básicas: 1. ela é estrutura do objeto assim como também o é a forma e a matéria; 2. na representação do projeto, a cor constrói a forma e dá sentido a ela. A cor como aliada da concepção contínua e imaginativa, torna-se participativa do processo de geração da forma. Em seu estado onírico ela se incorpora ao meio, a partir da consciência³. A mente humana, então, entende a cor participando do mundo físico, ela percorre a mente (cor onírica) e corpo (cor incorporada) e se confunde com o mundo, sendo inerente a ele. Se entendermos a cor como participante do mundo, não podemos deixá-la como elemento decorativo no aprendizado de projeto. Através da representação imagética na prática, podemos aprender novas habilidades utilizando o material colorante. Reconhecer a habilidade de aplicar a cor é melhor do que memorizar regras para a sua utilização e, assim, aplicando-a como um conhecimento implícito. A incorporação da imaginação criadora em uma linguagem não verbal e visual, transforma-se em uma **narrativa imagética**, rápida e natural, que acontece ao longo do aprendizado do aluno. Esta linguagem desperta emoções que, ao tornarem-se conscientes, transformam-se em sentimentos. As representações desenvolvidas em sala de aula podem “se tornar sentimentos de emoções.”(DAMÁSIO, 2000:357)

Para o encaminhamento inicial da didática em sala de aula, encontramos em Boutinet (2002) alguns domínios da prática arquitetural, “A função essencial da arquitetura é pensar o espaço, a fim de ordená-lo, de submetê-lo a um uso previamente projetado, que concretiza uma certa maneira de habitar”.(BOUTINET,2002:158). Ele define tais domínios, que vão da teoria-prática até um tipo de parceria entre o aluno, o professor e o(s) usuário(s) de seu projeto. Indo mais além, Boutinet sugere um espaço plural, integrando vivências em vários lugares, onde este lugar vivenciado é uma propriedade coletiva. Refletindo, desta forma, devemos, então, arquitetonicamente falando, trabalhar simbolicamente⁴ em sala de aula, o programa do projeto de tal forma que ele evoque os cinco sentidos, criando um espaço corporal, com diferentes experiências, integrando o espaço arquitetural às diferentes vivências dos usuários do ambiente. Esta atitude desenvolve um conhecimento advindo do experienciar do aluno, que passa a entender o produto de seu programa, “espaço geométrico, espaços vivenciados, outros espaços arquiteturais” (BOUTINET, 2002:159). É por meio desta leitura que encontramos o caminho da cor incorporada que começa a penetrar o ambiente de aula, indo além da simples representação de materiais e definições de formas. Começamos a entrar no domínio da cor-estrutura⁵ participando da concepção ao longo do processo projetual e da definição da forma através da imaginação criadora realizada nas imagens mentais. A questão iminente é tornar tais imagens visíveis para o outro, sem se limitar à representação como a evocação dos objetos através de sua cor, forma e textura.

³ Aqui a palavra ganha um sentido encontrado em DAMÁSIO quando fala que “a consciência começa como um sentimento” (DAMÁSIO, 2000:394).

⁴ pensando e representando através de desenhos e/ou modelos

⁵ Conceito onde a cor não é vista como elemento decorativo e sim como parte do objeto, onde a forma e a cor corporificam a idéia que é percebida através da luz (natural e/ou artificial) nos ambientes.

Como já visto no início do artigo, no processo projetual aqui utilizado, a abordagem é a da imaginação criadora que permeia todo o processo e a da concepção imaginativa, que faz com que ela atue no desenvolvimento projetual através dos modelos, desenhos e experimentos, assim como a conceituação e as características do projeto que atenderão ao programa. A concepção imaginativa como metodologia, utiliza uma abordagem conceitual artística porque entende que esta visão traz à luz a cor onírica e esclarece de que forma ela se torna corpo através da representação pictórica. Este ponto de vista torna visível para o projetista as questões difíceis relacionadas à aplicação da cor nos projetos e a forma como ela deve ser trabalhada ao longo do processo. Utilizando a visão artística a incorporação da cor está intimamente ligada à sua origem onírica - na mente imaginativa do Ser criador. É a cor incorporada na imagem pictórica que queremos trazer para a representação do projeto, através de modelos e/ou desenhos. Estes elementos possuem qualidades que não podem ser abafadas com regras, mas que devem ser conduzidas por modelos didáticos que, revelem a necessidade do uso da cor na representação, assim como ela existe na imaginação criadora.

Como modelo didático apropriado para a junção da concepção imaginativa e a forma como o método pictórico criador se dá, utilizamos o interacionismo como base inicial desta nova abordagem pedagógica. Neste procedimento didático, a preocupação em traçar a autonomia do sujeito-aprendiz, não permite que o aluno seja adestrado em sala de aula, tornando-o independente de processos que se tornam rapidamente caducos, principalmente em um mundo dinâmico e em constante evolução. O aluno experimenta diferentes conhecimentos agregados ao longo de outras disciplinas, que convergem na sala de aula de projeto. Cabe ao professor a tarefa de conduzir estes diferentes conhecimentos anexando àqueles trabalhados na disciplina, incluindo o uso da cor através de exercícios lúdicos ligados ao projeto em questão.

Nesta difícil tarefa que percorre uma fronteira entre um aprendizado conduzido e outro induzido, a cor funciona no ensino de projeto como parte essencial de sua conceituação em sala de aula. Por isso vamos encontrar na metodologia de trabalho, incluindo o processo conceitual de alguns artistas, exemplos que foram experimentados em sala de aula por Klee e Kandinsky na Bauhaus e na prática artística como em Oiticica e Clark no Brasil. O projetista formado nesta corrente de pensamento não tem preconceito ou receio no uso da cor em seus projetos. Para entendermos como a cor pode ser incorporada facilmente no projeto, encontramos em referências à pintura e, principalmente, aos mestres que escreviam sobre o que pensavam o entendimento teórico para a construção do saber didático, relacionado ao ensino de projeto e com a vontade de criar e inovar. Não basta ao professor ser um bom projetista, ele deve ser um condutor da experiência do aluno e para a isso, a cor surge como ponto de convergência, tanto de dificuldades a serem superadas, como de interesse sobre o assunto. A arte como parâmetro para se trabalhar uma metodologia de concepção projetual é importante pela liberdade de idéias que ela provoca, onde o movimento e as emoções configuram formas e cores. “A arte é como uma parábola da criação. Ela é sempre um exemplo, assim como o terrestre é um exemplo do cósmico” (KLEE, 2001:49).

Com este ponto de partida e com uma nova postura, devemos pensar que o homem constrói o seu mundo quando torna o lugar através de sua incorporação, neste momento a percepção do indivíduo é acionada e torna possível a construção de seu mundo. Quando o projetista explora as entrelinhas do projeto, ele abre para o usuário o caminho para que ele possa tornar visível o seu mundo. A cor-estrutura desempenha um papel importante na incorporação, acionando diferentes sentidos humanos além do da visão. “Na arte, o ver não é tão importante quanto o tornar visível” (KLEE, 2001:37) e nesta abordagem todos os sentidos são utilizados no projeto para envolver o usuário, proporcionando a construção do seu lugar. Na construção que tem como ponto de partida a cognição humana, acionada pelos cinco sentidos através da cor, os obstáculos do campo formal são quebrados, conquistando-se uma liberdade advinda da força criadora, que não possuindo mais amarras, realiza-se plenamente. A liberdade que vem junto com esta força dificilmente projeta com rótulos e *ismos*. Este fato leva a uma nova forma de criação, constante e inesgotável, pois está ligada à imaginação e ao conhecimento intrínseco existente na sala de aula interacionista.

A necessidade do conteúdo imaginativo é a motivação que liberta o projeto das fórmulas e regras evitando o seu engessamento. Essas necessidades para gerarem a força criadora que ultrapassam os programas projetuais, devem refletir desejos e conteúdos de vida dos usuários e

do mundo, criados a partir da assimilação dos estímulos. Para o aluno, a cor tem como função no projeto despertar vários sentidos, contribuindo para esta construção de mundo. O trabalho inicial da concepção deve ser encarado de forma fluida na aula, com exercícios que estimulem a aplicação da cor. Tudo pode motivar a concepção: o ato ou a idéia, a mudança como método conceutivo motiva uma nova visão do entorno e dos objetos, permite diferentes abordagens e, conseqüentemente, novas descobertas no simples.

A renovação no ensino de projeto

A utilização de um novo método didático pedagógico transforma a sala de aula de projeto em um lugar onde são estimuladas as respostas do corpo e da mente: som, cheiro e visão utilizando estímulos apropriados para que a imaginação criadora deixe fluir propostas inovadoras sem o compromisso de ser inovador, fazendo com que o aluno desenvolva a sua capacidade de interagir com o meio, crescendo e aprendendo com ele, deixando que este aprendizado influencie na concepção do projeto. Não é só na postura do professor que a proposta se torna nova. No ambiente da sala de aula elementos adicionais para tornar o ensino de projeto o mais próximo da situação ideal de conforto emocional são colocados para despertar um estado de consciência e atenção, importante para a livre ação da imaginação criadora (VARELA, TOMPSON e ROSCH, 2003). Este estado permite que emoções e sensações corporais tornem-se bastante pronunciadas. São eles: 1. Iluminação com luz natural abundante; 2. Som com músicas instrumentais e bancos e pranchetas com bom desempenho ergonômico e que permitam reconfigurações diferentes a cada aula, são fatores que constroem um lugar de aprendizado dinâmico.

Os aspectos físicos não são primordiais na aplicação deste método, mas contribuem para o seu melhor resultado. A diferença está na liberdade permitida ao aluno e no experienciar a aula, juntamente com o meio (lugar da aula), permitindo que sua mente deixe a imaginação criadora agir livremente na concepção dos projetos, nas soluções técnicas, nos desafios topográficos e nas limitações representativas de suas idéias. Esta abordagem incentiva a troca entre o professor e o aluno em um aprendizado em duas vias, permitindo uma empatia que desenvolve a capacidade de mudança em todos os envolvidos no processo de aprendizado. Como resultado final do aprendizado, esta postura didático-pedagógica incentiva, sempre, uma análise crítica onde são ponderados todos os fatores, que desencadearam o processo projetual proposto para o cumprimento do programa da disciplina de projeto.

Referências Bibliográficas

- ARGAN, Giulio Carlo. Projeto e destino. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BOUTINET, Jean-Pierre. Antropologia do Projeto. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DAMÁSIO, António. O mistério da consciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DELGADO, Evaldo Inácio. Pilares do Interacionismo: Piaget, Vygotsky, Wallon e Ferreiro. São Paulo: Érica, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. Ensaio e Conferências. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- KLEE, Paul. Sobre a arte moderna e outros ensaios. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. Ensaio sobre a razão compositiva; uma investigação sobre a natureza das relações entre as partes e o todo na composição arquitetônica. Viçosa: UFV, Impr. Univ. , 1995.
- MARQUES, Sonia, et al. Projetar: desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto. Rio de Janeiro: Editora Virtual Científica, 2003.
- MARTINEZ, Alfonso Corona. Ensaio sobre o Projeto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- MATURANA, Humberto. A Ontologia da realidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- SCHÖN, Donald A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SERRES, Michel. Os Cinco Sentidos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

VARELA, Fancisco J, TOMPSON Evan, ROSCH, Eleonor. A Mente Incorporada: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.

